



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SILVEIRA, Patrícia Asinelli; VOLPI, José Henrique. Afeto e aprendizagem no brincar no processo de alfabetização à luz da Psicologia Corporal. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 20º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2015. [ISBN – 978-85-69218-00-5]. Acesso em: ____/____/____.

AFETO E APRENDIZAGEM NO BRINCAR NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO À LUZ DA PSICOLOGIA CORPORAL

Patrícia Asinelli Silveira
José Henrique Volpi

RESUMO

Este artigo parte de uma revisão bibliográfica que visa contribuir para a compreensão do afeto na aprendizagem e no processo de alfabetização à luz da Psicologia Corporal, analisando o processo de aquisição da linguagem escrita pelas crianças. Dessa forma, pretende-se demonstrar como a educação escolar pode e deve contribuir para tornar a alfabetização significativa levando em consideração a singularidade de cada criança neste processo, manifestada através de sua linguagem corporal e cultural.

Palavras-chave: Afeto. Aprendizagem. Alfabetização. Educação Escolar.

Falar de criança remete-nos a brincadeira, aprendizagem e desenvolvimento. Quando se pensa no desenvolvimento psicológico, uma grande necessidade que surge é a periodização deste desenvolvimento, pois este tende a possuir uma linha semelhante às diferentes idades, que vão desde a mais tenra idade até a fase adulta (Oliveira, 2005, *et al.*).

O presente artigo busca refletir as questões da importância do afeto, do brincar e da aprendizagem no processo de alfabetização de uma criança que se encontra na faixa etária de aproximadamente seis anos.

Desde o nascimento, o ser humano é rodeado de estímulos que perpassam seu desenvolvimento, sejam eles sensoriais, visuais, auditivos, e outros que ultrapassam a ordem sinestésica, como estímulos sociais (Reichert, 2009). Partindo desse pressuposto podemos pensar na afirmação de Reich (1985, p. 360) quando diz: “o organismo da mãe cumpre a função do meio, desde o momento em que se forma o embrião, até o momento em que se concretiza o nascimento”.

Considerando essa afirmação, podemos então citar Gleitman (1999, p. 317), quando indica que estes estímulos ficam armazenados numa memória e conforme “amémoria é a maneira como fazemos o registro do passado, para a sua posterior utilização no presente”.

Para tanto, todo esse processo de desenvolvimento e aprendizagem ocorre com a participação de um membro fundamental, que, segundo Winnicott conceitua, é a “mãe suficientemente boa”.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SILVEIRA, Patrícia Asinelli; VOLPI, José Henrique. Afeto e aprendizagem no brincar no processo de alfabetização à luz da Psicologia Corporal. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 20º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2015. [ISBN – 978-85-69218-00-5]. Acesso em: ____/____/____.

Sabe-se que o afeto é primordial no crescimento de um ser humano saudável e Reichert (2009) fala que determinadas aptidões humanas amadurecem de tempos em tempos. Além disso, outro fator muito importante é a brincadeira nessa fase, pois o brincar é uma das formas de entender como a criança reage à determinada situação do ambiente em que vive e possa construir uma boa alfabetização com ela.

PSICOLOGIA CORPORAL

A psicologia corporal pode ser um grande aliado neste período de alfabetização na vida da criança, tanto como prevenção ou na redução de dificuldades que muitas vezes estão inseridas na dinâmica familiar.

Sabe-se que com afeto e estímulo, a criança aprende com vontade, porém quando este corpo encontra-se com bloqueios musculares, pode comprometer um melhor aproveitamento da aprendizagem, seja por questões emocionais, cognitivas ou sociais. Para Reich (1998) o enrijecimento muscular do corpo não permite o movimento natural da energia do indivíduo e quando o fluxo energético não transita de forma harmônica, este corpo encontra-se bloqueado, e tem o nome de *couraçã muscular*. Sua função é impedir que o indivíduo entre em contato com experiências emocionais que são ameaçadoras e dolorosas. Cada criança poderá ter couraçãs em determinadas etapas do desenvolvimento emocional. Volpi e Volpi (2002) descrevem essas etapas como: 1ª etapa chamada de sustentação tem início na fecundação e término no momento do nascimento, 2ª etapa é de incorporação, se inicia após o nascimento e finaliza com o desmame, que deverá ocorrer por volta do nono mês de vida, a 3ª etapa chamada de produção, se inicia com o desmame e se estende em torno até o terceiro ano de vida, 4ª etapa é chamada de identificação, se inicia do quarto ano de vida, onde a criança descobre seus genitais e tem curiosidade sobre diversos assuntos e nesta fase sai do campo familiar e volta-se para o campo social e a 5ª etapa é a de formação de caráter que se inicia aos cinco anos e se estende até a puberdade. Em cada etapa de desenvolvimento poderá ocorrer bloqueios energéticos, onde Reich (1998) mapeou o corpo em sete níveis, sendo anéis circulares em volta do corpo e são eles:

1º nível olhos, nariz, ouvidos (quando a energia está bloqueada ocorrem erros de interpretação); 2º nível boca (energia bloqueada ocorre oralidade, depressividade); 3º nível pescoço (indivíduos com energia bloqueada neste segmento tem autocontrole e/ou



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SILVEIRA, Patrícia Asinelli; VOLPI, José Henrique. Afeto e aprendizagem no brincar no processo de alfabetização à luz da Psicologia Corporal. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 20º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2015. [ISBN – 978-85-69218-00-5]. Acesso em: ____/____/____.

narcisismo); 4º nível tórax (energia fragmentada e contribui a uma ambivalência); 5º nível diafragma (a energia bloqueada provoca masoquismo, ansiedade); 6º nível abdômen (contribui a uma compulsividade, analidade) e 7º nível pélvis (genitalidade, superego, histeria). Em cada região do corpo com energia bloqueada, ocorre uma estagnação energética e a criança apresenta determinados sintomas que podem ser diagnosticados por um psicoterapeuta infantil corporal.

É necessário que o psicoterapeuta infantil tenha conhecimento corporal, como também possa verificar em quais regiões que essa criança tenha dificuldade de aprendizagem, ou seja, habilidade na área de avaliação de aprendizagem. Esse processo da psicoterapia infantil requer um diagnóstico e uma intervenção adaptada às características da criança, incluindo o trabalho de orientação aos pais para dar suporte às mudanças advindas do processo terapêutico.

A prática da psicoterapia infantil em conjunto com recursos e técnicas ampliam as possibilidades de intervenção da ludoterapia tradicional, pois o corpo da criança e do psicoterapeuta passa a ser um recurso a mais, para diagnóstico e intervenção, com objetivo de um prognóstico em que a saúde seja mais pulsante.

Para concluir este processo é necessário que a criança seja aceita como ela é, e Sposito (2008) ressalta que ela deve ser encorajada e deve mostrar de forma honesta seu eu e seus sentimentos.

O “TIPO IDEAL” E A “MÃE SUFICIENTEMENTE BOA”

Desde o início da vida o bebê tem uma ligação maior com a mãe, pois além de ser ela que acolhe o bebê em seu útero, é ela que irá nutrir e manter o bebê não apenas de forma fisiológica, mas emocional e energética para que possa prosseguir e seja gerado.

De acordo com Winnicott (1987), uma mãe dedicada, do “tipo ideal”, é a mãe que tem a noção do papel que necessita exercer, eximindo-se da culpa por não ser capaz. Seu propósito é proporcionar satisfação extrema ao bebê, livrando-o de qualquer mal. Todavia, esta mãe não está livre de passar por situações problemáticas e/ou estressantes que podem acarretar sintomas ao bebê, constituindo sua identidade e sua personalidade.

Winnicott (2006) *apud* Reichert (2009) reforça que a pessoa que exerce a função da maternagem ou de cuidador deve ser capaz de acolher incondicionalmente o bebê, estando



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SILVEIRA, Patrícia Asinelli; VOLPI, José Henrique. Afeto e aprendizagem no brincar no processo de alfabetização à luz da Psicologia Corporal. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 20º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2015. [ISBN – 978-85-69218-00-5]. Acesso em: ____/____/____.

mais atenta ao tempo do bebê como um ser integral, dotado de todas as potencialidades, e ter o cuidado de protegê-lo do risco de interrupções no desenvolvimento biopsicológico.

Conforme Winnicott (1975) *apud* Farias (2007), o rosto da mãe para o bebê é o espelho no momento inicial do vínculo. O bebê, afinal, reconhece-se a partir do olhar materno e decodifica as suas necessidades, passando por um processo de subjetivação saudável que o ajudará a construir mais tarde suas escrita e leitura. E, para a pessoa que exerce o papel da maternagem, instaura-se um lugar detentor de poder, pois é da mãe que vem o alimento, fonte de sobrevivência orgânica no primeiro momento, além da sobrevivência psíquica, pois, ao alimentar esse bebê, fornece-lhe muito mais do que o mero sustento, oferece um suporte emocional, físico e psíquico.

Reichert (2009) fala que o bebê avança de um processo de desintegração entre corpo e mente à integração gradual e crescente de seu organismo. Quando Winnicott utiliza a expressão “mãe suficientemente boa”, não estamos falando do cuidador bonzinho, daquelas que usam os filhos para se ausentar dos próprios desafios pessoais, não é da mãe idealizada, aquela que *padece no paraíso*. Fala-se “de alguém com presença autêntica diante da delicadeza de um bebê” (Reichert, 2009, p. 55). Para finalizar esse processo é fundamental o papel da mãe, para o desenvolvimento emocional saudável, e essa criança se sinta segura e queira descobrir o mundo. Reich (1980) enfatiza que o papel de quem educa deveria primeiro liberar a si mesmo os prejuízos que sua própria educação deixou e tratar de fazer aflorar a consciência suas próprias tendências instintivas. É importante de quem exerce o papel de cuidador, ou de maternagem querer aprender a lidar com suas questões e refletir sobre sua história para exercer com mais consciência seu papel na vida da criança.

O AFETO E O BRINCAR

A brincadeira e o afeto são primordiais para o período da alfabetização, pois nesta etapa, a criança estabelece seu pensamento, linguagem, socialização com as brincadeiras que podem ser jogos lúdicos, teatros, entre outros.

Na fase da alfabetização a criança busca jogos com regras, como jogos de adivinhação, jogos de mágica, experiências químicas e outras habilidades. Sposito (2008) afirma:

Na fase de alfabetização cresce o interesse da criança por letras, números, habilidades cognitivas e de sorte, da mesma forma por jogos com regras. (...) É



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SILVEIRA, Patrícia Asinelli; VOLPI, José Henrique. Afeto e aprendizagem no brincar no processo de alfabetização à luz da Psicologia Corporal. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 20º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2015. [ISBN – 978-85-69218-00-5]. Acesso em: ____/____/____.

fundamental a compreensão de que cada recurso ou objeto poderá ter uma simbolização diferente de uma criança para outra (...) e a própria criança escolherá os que se identificar simbolicamente. (SPOSITO, 2008, p.62)

Para Vygotsky (1986) *apud* Gioca (2001), cognição e afeto não se encontram dissociados no ser humano, pelo contrário, relacionam-se e exercem influência recíproca ao longo da história do desenvolvimento do indivíduo.

Segundo Piaget (1967) *apud* Maurício (1998, p. 3), “o jogo não pode ser visto apenas como divertimento ou brincadeira para desgastar energia, pois ele favorece o desenvolvimento físico, cognitivo, afetivo e moral”.

Já o brinquedo favorece o desenvolvimento da criança, que por meio da brincadeira experimenta, descobre, inventa, além de estimular sua curiosidade, criatividade, autoconfiança e determinar autonomia frente a seu aprendizado.

Segundo Maurício (1998), o brinquedo traduz o real para a realidade infantil. É brincando que a inteligência e a sensibilidade da criança se desenvolvem, garantindo que suas potencialidades e sua afetividade se harmonizem.

Na idade de seis anos, a criança começa a buscar as brincadeiras em conjuntos com outros colegas da escola como jogos de fubetol, esconde-esconde, pega-pega e dessa forma vai desenvolvendo a socialização.

Piaget (1971) *apud* Oliveira (2005) *et al.* afirma que, no curso do desenvolvimento das crianças, os jogos com regras marcam a transição para a atividade lúdica do ser socializado. E enfatiza:

As regras funcionam para regular e integrar o grupo social. A regra resulta da organização coletiva das atividades lúdicas, podendo, porém, apresentar o mesmo conteúdo dos jogos de exercício [...] a criança passa do exercício simples às combinações sem finalidade e, depois, às combinações com finalidade. (OLIVEIRA, *et al.*, 2005, p. 143)

Reichert (2009) afirma que, a partir dos seis anos, o egocentrismo infantil cede espaço ao desejo de fazer parte do grupo, propiciando maior cooperação por parte das crianças.

Winnicott (1982) ressalta que a criança adquire experiência brincando e elucida:

A brincadeira é uma parcela importante de sua vida. As experiências tanto externas como internas podem ser férteis para o adulto, mas para a criança essa riqueza encontra-se principalmente na brincadeira e na fantasia. (WINNICOTT, 1982, p. 163)



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SILVEIRA, Patrícia Asinelli; VOLPI, José Henrique. Afeto e aprendizagem no brincar no processo de alfabetização à luz da Psicologia Corporal. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 20º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2015. [ISBN – 978-85-69218-00-5]. Acesso em: ____/____/____.

A criança entra em contato com a brincadeira a partir deste afeto estabelecido com o objeto com o qual deseja brincar. A partir desta relação, ela se desenvolve e amplia sua cognição com o estabelecimento das regras, estipulando um limite quanto ao que ela pode ou não fazer, aprendendo a obedecer e se socializar com as regras do ambiente em que convive.

A idade pré-escolar é considerada uma das fases áureas da vida, pois nesse período o organismo torna-se estruturalmente capacitado para atividades psicológicas mais complexas como o uso da linguagem escrita. A maioria das teorias do desenvolvimento humano admite que a idade pré-escolar tem fundamental importância na personificação do indivíduo e tomam formas claras e definidas com o decorrer da idade. Schemly (2004) confirma que a atividade lúdica na escola alia desafios ao prazer, devendo predominar na maioria das atividades oferecidas à infância, pois ampliam a base de experiências psicomotoras, formam hábitos facilitadores da independência, exercitam a atenção e a autodisciplina, de maneira ativa e inteligente, formando também valores morais e sociais, aliando satisfação e lazer.

Quando a criança vai para a escola, brincadeiras, desenhos, atividades e jogos ministrados em salas de aula estabelecem uma relação entre ela e o educador. O que importa são as ações, quando os momentos de fantasia são transformados em realidade, momentos de percepção e conhecimento. Com os jogos, há também o surgimento da afetividade, cujo território é dos sentimentos, das emoções, por onde transitam medos, sofrimentos, alegrias e também interesses. Para Piaget (1986) *apud* Gioca (2001), a escola desempenha um importante papel no desenvolvimento da criança, visto que as trocas proporcionadas pelo ambiente escolar permitem o desenvolvimento da criança a fim de contribuir com este desenvolvimento. Desta maneira, a escola deve proporcionar um ambiente que permita à criança interagir e trocar conhecimentos a partir de sua realidade.

Neto (1988) *et al.* salienta que o brinquedo tem papel dominante na idade pré-escolar sendo este reconhecido por vários autores. Todavia, para dominar o processo de desenvolvimento psíquico da criança neste estágio, é necessário também compreender em que consiste o papel das brincadeiras – as regras do jogo e seu desenvolvimento enquanto atividade lúdica.

As brincadeiras no processo de alfabetização são primordiais para a criança entender e ampliar seu conhecimento. Por meio das regras, a criança, no seu ritmo, entenderá até onde pode caminhar e, desta forma, aprimorar seus processos superiores.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SILVEIRA, Patrícia Asinelli; VOLPI, José Henrique. Afeto e aprendizagem no brincar no processo de alfabetização à luz da Psicologia Corporal. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 20º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2015. [ISBN – 978-85-69218-00-5]. Acesso em: ____/____/____.

Oliveira (2005) *et al.* conclui que as crianças aprendem a partir do brincar de realizar seus próprios desejos, exigindo delas obediência voluntária a regras, podendo sua satisfação individual ser aumentada pela ajuda em atividades coordenadas por regras.

O mesmo autor (*op. cit.*) salienta que a brinquedoteca se apresenta como espaço onde, a partir do brincar e do brincar, os usuários (pais, educadores, educandos) lidam com aprendizagem, permitindo aquisição/ressignificação dos conhecimentos, movimentando-se em direção ao saber e este espaço deve ser constantemente reformulado, reordenado e recriado pelos usuários.

Os jogos como futebol de botão, jogos de varetas, encher bexiga, atividades com música são importantes para controlar a agressividade. Sposito (2008, p. 60) afirma: “os jogos e brincadeiras que possam expressar a agressividade genuína serão eficazes como, por exemplo, tiro ao alvo, encher e estourar balão, boliche, cabo de guerra, etc.”

De acordo com o exposto, o psicoterapeuta infantil em conjunto com a criança poderá estabelecer algumas brincadeiras de acordo com os traços de caráter do paciente.

PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

O momento do desenvolvimento da escrita de uma criança começa bem antes de ela frequentar a escola. Sposito (2008) afirma a importância das pessoas que convivem com o bebê, como, quanto estas pessoas conversarem com ele será determinante na aquisição da linguagem, conseqüentemente na alfabetização e na socialização.

A criança precisará desenvolver as estruturas mentais e, em seus atos inteligentes, ficarão marcas primordiais que permearão seu processo de aprendizagem, imprimindo-lhes singularidades, as quais se farão notar no seu estilo próprio de aprender a escrever (Arantes, 2003).

Reichert (2009) aponta que este período de alfabetização e ingresso na primeira série envolve um sentimento de maioridade e emancipação. Preparar a mochila, arrumar os cadernos, preparar o material didático como estojos de lápis coloridos, canetinhas coloridas e depois viver a excitação do primeiro dia de aula é um verdadeiro rito de passagem. Os jogos grupais tornam-se intensos nessa etapa e cumprem papel importante no treinamento para a sociabilidade. É inevitável que, neste período de passagem, a criança esteja exposta a momentos de animosidade, competição, medo, ansiedade e, às vezes, crueldade entre outras



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SILVEIRA, Patrícia Asinelli; VOLPI, José Henrique. Afeto e aprendizagem no brincar no processo de alfabetização à luz da Psicologia Corporal. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 20º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2015. [ISBN – 978-85-69218-00-5]. Acesso em: ____/____/____.

crianças, podendo também ter de enfrentar o desequilíbrio emocional dos professores. É uma época marcante, da qual, quando adultos, têm nítidas lembranças dos tempos de escola, com alegrias e tristezas.

A autora salienta:

Ocorre uma mudança significativa na relação dos pequenos com os brinquedos, substituindo parte deles por atividades apreciadas no mundo adulto (esportes, línguas, [...], etc.). Muitas vezes, o excesso de atividades infantis [...] gera um espaço doloroso de falta de intimidade e trocas afetivas. (REICHERT, 2009, p. 254)

A escola exige a participação em relações diversificadas, mais flexíveis do que as até então mantidas na família. Neste tema Mahoney (2009) discute este exercício de diferentes papéis leva à crescente individuação da criança se perceber cada vez mais como um eu em relação aos outros, permeando alguns conflitos e cooperação com os demais colegas da escola, sendo neste confronto entre seu interesse e os demais que ela define melhor os papéis que lhe competem.

INSTITUIÇÃO ESCOLAR

A escola é um ambiente rico de informações e estímulos que crescem no processo de desenvolvimento da criança no período pré-escolar. Este universo escolar é essencial ao processo de alfabetização e escrita das crianças no Ensino Fundamental. Collello (1995) *apud* Simões (2008) ressalta que os recursos pedagógicos devem considerar o desenvolvimento da criança em sua plenitude, observando aspectos motores e físicos geralmente desconsiderados no âmbito das salas de aula. Para isso, é importante que este “espaço de criação” (Winnicott (1971) *apud* Simões (2008)) seja oferecido à criança e ela sinta-se à vontade para criar, inventar e desenvolver sua posição subjetiva.

Simões (2008) afirma que esse espaço poderá se converter num objeto de reflexão para que a criança estabeleça vínculos com a linguagem oral e escrita para essa realidade que ela constrói e para o conhecimento que partilha com os demais colegas em sala de aula e em outras relações sociais.

Este espaço de criação chamado de escola tem um método pedagógico a ser seguido e esta forma de aprender a simbolizar, unido ao universo sonoro que, por si só, é simbólico, sendo mais do que aprender a grafar sons: é aprender novos modos de discurso, modos de se



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SILVEIRA, Patrícia Asinelli; VOLPI, José Henrique. Afeto e aprendizagem no brincar no processo de alfabetização à luz da Psicologia Corporal. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 20º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2015. [ISBN – 978-85-69218-00-5]. Acesso em: ____/____/____.

relacionar com interlocutores, ou seja, é construir uma nova inserção cultural.

Winnicott (1982) se refere ao “desenvolvimento emocional primitivo”, cujos efeitos são de crucial importância para o indivíduo e muitos problemas na aprendizagem e em outros campos nas relações sociais podem se estender da infância à vida adulta. Tais disfunções ocorridas entre a infância e o ambiente podem ser representadas pela relação mãe-bebê, pois, no início da constituição da criança, cabe à mãe o papel fundamental na sobrevivência do bebê.

Neste processo, conclui-se que a escola é um espaço onde a criança pode criar, imaginar e expressar suas ideias, onde o afeto permeará toda a relação, pois a criança deverá apreciar o local onde convive com amigos e colegas, abrindo um leque de socialização com o mundo externo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de alfabetização de uma criança de 6 anos é um dos momentos que mais exercem impacto no desenvolvimento infantil dessa faixa etária. De fato, um mundo de descobertas se abre, permitindo à criança entrar num universo jamais imaginado antes.

Quando a ideia desse artigo foi cunhada, a maior indagação que surgiu foi: como será possível separar a afetividade do processo de aprendizagem, sendo que a afetividade pode atuar como a mola propulsora para que a criança de fato aprenda? E mais: como retirar da criança a atividade mais prazerosa e rica que existe na infância, a brincadeira? Diversos autores, como Vygotsky (1986), Winnicott (1982), Schemly (2004), Reich (1998) entre outros, atestam que isso não é possível, mostrando assim a eficácia do aprendizado aliado a atividades prazerosas.

Contudo, conforme Kupfer (2003) evidencia, ainda hoje existem no sistema educacional profissionais com uma percepção dicotômica da criança, dividindo-a entre metade cognitiva e metade afetiva. A falta de uma visão holística da criança, envolvendo todas as suas peculiaridades e riquezas, provoca um forte desequilíbrio, promovendo problemas de aprendizagem e até um fracasso escolar.

Desta forma, conclui-se que professor e escola devem constituir um ambiente promissor, com consistência e organização, como o da família, permitindo à criança crescer e sentir-se acolhida para enfrentar o longo caminho da educação. E como dizia Reich: “Amor,



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SILVEIRA, Patrícia Asinelli; VOLPI, José Henrique. Afeto e aprendizagem no brincar no processo de alfabetização à luz da Psicologia Corporal. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 20º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2015. [ISBN – 978-85-69218-00-5]. Acesso em: ____/____/____.

trabalho e sabedoria são as fontes da nossa vida. Devem também governá-la.” O autor quer dizer que amor, trabalho, sabedoria são fontes da nossa vida e podem permear toda a fase da criança, e desta forma poderá crescer saudável e ter autonomia diante das adversidades que ela venha a encontrar no seu processo de aprendizado.

REFERÊNCIAS

- ARANTES, V. A.; AQUINO, J. G. **Afetividade na Escola**. Editora Summus: São Paulo, 2003.
- BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. de L. T. **Psicologias**. Editora Saraiva: São Paulo, 2004.
- FARIAS, S. R. **A questão do poder na perspectiva winnicottiana**. Disponível: www.contemporaneo.org.br/contemporanea.php. Porto Alegre, 2007.
- GIOCA, M. I. **O JOGO E A APRENDIZAGEM NA CRIANÇA DE 0 A 6 ANOS**. Belém. Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia do Centro de Ciências Humanas e Educação da Universidade da Amazônia. 2001.
- KUPFER, M. C. M. **Afetividade e cognição: uma dicotomia em discussão**. In ARANTES, V. A. *Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 2003.
- MAHEIRIE, K. **Constituição do Sujeito, Subjetividade e Identidade**. *Revista Interações*. v. 07, n. 13, Jan-Jul 2002.
- MAHONEY, A. A. et al. **Henri Wallon, Psicologia e Educação**. 9ª Edição. Edições Loyola: São Paulo, 2009.
- MAURICIO, J.T. **Aprender Brincando no Processo de Aprendizagem**. Disponível: <http://www.psicopedagogia.com.br/opiniao/>. Rio de Janeiro. 2008
- NETO, J. C. et al. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. São Paulo. Editora Cone, 1988.
- OLIVEIRA, V. B. et al. **O Brincar e a Criança do Nascimento aos Seis Anos**. Petrópolis – RJ. Editora Vozes. 2005.
- REICH, W. **Análise do Caráter**. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1998. REICH, W. **La biopatía del cancer**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1985.
- REICHERT, E. **Infância A Idade Sagrada**. 2ª Edição. Porto Alegre. Editora Vale do Ser. 2009.
- SCHEMLY, E. **Brincar com a Alfabetização: Um Meio, um Caminho Para Aprender**. Disponível: <http://cev.org.br/biblioteca/brincar-com-alfabetizacao-um-meio-um-caminho-para-aprender>. São Paulo, 2004.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SILVEIRA, Patrícia Asinelli; VOLPI, José Henrique. Afeto e aprendizagem no brincar no processo de alfabetização à luz da Psicologia Corporal. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 20º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2015. [ISBN – 978-85-69218-00-5]. Acesso em: ____/____/____.

SILVA, N. **O mal-estar da professora alfabetizadora: contribuições de D. Winnicott**. Revista Mal-Estar e Subjetividade, 2005.

SILVA, N.; ALVES, D.; FRIDMAN, P. C. C.; PICCHIONI, M. S. Y. **Considerações acerca da atualidade da teoria winnicottiana no aprender a falar a ler e a escrever**. Universidade de São Paulo, USP. 2006

SIMÕES, J. **A experiência escolar de uma criança nordestina em São Paulo**. Revista Eletrônica Issn. 2008.

SPOSITO, F. V. **Psicologia Corporal em Crianças**. Monografia. Especialização em Psicologia Corporal. Centro Reichiano. Curitiba:2008.

VOLPI, J.H. **Crescer é uma Aventura!** Desenvolvimento Emocional segundo a Psicologia Corporal. José Henrique Volpi e Sandra Mara Volpi. Curitiba: Centro Reichiano, 2002.

VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. Editora Ícone: São Paulo, 1986.

WINNICOTT, D. W. **Tudo começa em casa**. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

WINNICOTT, D. W. **Os bebês e suas mães**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

WINNICOTT, D. W. **A criança e o seu mundo**. 6ª edição. São Paulo: Editora LTC. 1982.

AUTORA e APRESENTADORA



Patricia Asinelli Silveira / Jaraguá Do Sul / SC / Brasil

Formada em Administração de Empresas pela FAE-Curitiba/PR. Formada em Psicologia (CRP-12/12784) pela ACE- Joinville/SC e cursando especialização em Psicologia Corporal. Atualmente trabalha na CEPPSI como psicóloga clínica com crianças, adolescentes na área de avaliação de aprendizagem.

E-mail: pati71.psico@gmail.com

ORIENTADOR

José Henrique Volpi / Curitiba / PR / Brasil

Psicólogo (CRP-08/3685), Analista Reichiano, Especialista em Psicologia Clínica, Anátomo-fisiologia, Hipnose Eriksoniana e Psicodrama. Mestre em Psicologia da Saúde (UMESP), Doutor em Meio Ambiente e Desenvolvimento. Diretor do Centro Reichiano-Curitiba/PR.

E-mail: volpi@centroreichiano.com.br